**Lugar de mulher é onde ela quiser: elas desafiaram o mercado e mostraram que profissão não tem sexo**

*Cada vez mais o mercado vem encontrando profissionais mulheres em profissões que antes eram quase “exclusivas” de homens*

A luta ainda é diária. Preconceito, assédio, falta de espaço, de reconhecimento, esses são apenas alguns dos problemas enfrentados diariamente por Larissa Mendes, que trabalha como programadora na Juno, fintech de Curitiba que oferece soluções de pagamento online para seus clientes. Ao todo são 16 pessoas na área de TI, 15 homens e Larissa.

Essa é uma realidade, aliás, bem comum, sobretudo ao se analisar o mercado de tecnologia. Segundo um relatório realizado em 2018 pela Serasa Experian em parceria com a ONU Mulheres, o campo da tecnologia continua sendo o mais inacessível para elas: apenas 17% dos programadores no Brasil são mulheres.

“É uma área que ainda precisa crescer muito. Muitas vezes, quando alguém precisa de ajuda com a TI, é imediato recorrerem a um homem, mesmo que eu esteja disponível para ajudar. Também existe o fato de que as pessoas associam muito a beleza à profissão, assim, comentários como: ‘nossa, mas você é tão bonita pra trabalhar na TI’ são bem comuns. É uma luta diária para ser reconhecida nesse mercado”, conta Larissa, que desde os 12 anos se dedicou à programação.

Trabalhando na Juno desde o início de 2018, Larissa conta que o reconhecimento é a chave para o desenvolvimento profissional. “Hoje a empresa que eu estou tem uma outra realidade, com políticas de incentivo de contratação e de reconhecimento. Mas já passei por situações em outras empresa em que eu não era ouvida, e que a ideia que eu havia dado só era reconhecida quando um homem falava”, diz ela. Com todas essas dificuldades, é comum as mulheres desistirem de suas carreiras nesta área. Segundo pesquisa da Harvard Business, 41% das mulheres que atuam na área da tecnologia desistem de suas carreiras.

**Diversidade = qualidade**

O problema é tão sério que grandes empresas, como o Twitter, por exemplo, chegou a contratar uma VP de diversidade e cultura, com o objetivo de promover a equidade de gênero na área. “DEPOIMENTO RH diversidade de gênero”

Em uma escala local, a Juno, empresa em que a Larissa trabalha acredita que mais que ter políticas de contratação de gênero, é preciso colocar em práticas os valores que a empresa traz em seu DNA. “Mais do que definir e escrever nossos valores na parede é preciso de fato acreditar e praticar o que estabelecemos como valores. Nós só fazemos o que acreditamos! Diversidade não é algo que buscamos ter, é algo que temos por sermos quem somos! Selecionamos pessoas pelos seus sonhos e seus talentos apenas. Diversidade se conquista se livrando de preconceitos. O que isso nos agrega? Diferentes visões de mundo, um ambiente mais equilibrado, opiniões mais amadurecidas e mais colaboração e respeito”, garante Matheus Bernert, CEO da Juno.